

CRÍTICA / TEATRO / O LEGADO - UM DIÁLOGO COM CAIO FERNANDO ABREU

Metateatro **afetivo**

Por Cláudio Handrey

Especial para o Correio da Manhã

Um sax abre a celebração dos 20 anos da Cia de Teatro Íntimo em grande estilo, em que Madonna, Marina, reverberam pelo espaço, numa saudosa trilha musical na montagem de “O Legado”, revisitando o escritor Caio Fernando Abreu, referência na literatura gay, e toda uma galera, que suportou a epidemia de aids nos anos 80. Citando artistas que partiram por conta da famigerada moléstia, como Lauro Corona, Cazuzu, Carlos Augusto Strazzer, Claudia Magno, entre tantos, o texto bem urdido por Renato Farias atravessa as mazelas de uma época obscura com muito bom humor no macrocosmo LGBTQIAPN+, numa amálgama de realidade e ficção, nas quais o jogo teatral se fortalece. A dramaturgia ilumina a ideia de que hoje é absolutamente possível viver com HIV, seguindo a vida, outrora inviável.

A direção, do próprio autor, é um dos pontos altos do espetáculo, criando uma di-



Divulgação

Thiago Mendonça destaca-se em plena consciência vocal

nâmica fluida, em que seus intérpretes deslizam pela cena com extrema suavidade, propagando sensualidade e liberdade, sustentados por uma direção de movimento eficiente de Orlando Caldeira, com uma provocativa cena de sexo coletivo. A encenação institui a dosagem adequada de dramaticidade, reverendo climas impondo leveza à montagem.

Gracioso e pungente, Thiago Mendonça destaca-se, em plena consciência vocal. Aleh

Silva esbanja uma performance corporal encantadora, e Alain Catein, Dodi Cardoso, João Manoel, Márcio Januário, Orlando Caldeira, Renato Farias têm ótimo rendimento, mas Gabriel Contente pode rever a forma pela qual emite seu texto, que por vezes ecoa num volume pouco teatral, mesmo numa entrega equalizada ao elenco.

Mendonça, além de brilhar como ator, se aventura na direção de arte, expondo um

tapete vermelho, como se o sangue emanasse um êxtase vital, ressaltando cada artista no palco, em que auxilia a proposta defendida por Farias, com adereços de bom gosto, evoluindo pela cena. Úga Agú enroupa atores/personagens num displicente realismo, sensatamente, já que atores ensaiam um espetáculo, e que se completam no passado e presente. A luz de Daniela Sanchez contribui para desenhar ambientes sugeridos pelo dramaturgo, habilmente.

“O Legado – Um Diálogo Com Caio Fernando Abreu”, não só presta um tributo ao dramaturgo gaúcho, mas reverencia toda a comunidade gay, e aos autores, diretores, atores, ao teatro. Em luta constante para fazer com que a vida fique mais policromada, repleta de luz, e neste caso, que a memória deste país não se apague. Tudo isso num metateatro abarrotado de formosura!

SERVIÇO

LEGADO - UM DIÁLOGO COM CAIO FERNANDO ABREU

Sesc Copabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

Até 9/11, sexta e sábado (20h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 10 (associado Sesc) e grátis (PCG)

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Festival de dança

O Festival Panorama 2025 acontece até o dia 29 com espetáculos de dança contemporânea em quatro espaços: CCBB, MAM, Teatro Nelson Rodrigues e Teatro João Caetano. A programação reúne artistas do Brasil, Quênia, França, Itália e Suécia, com ênfase em trabalhos que abordam ancestralidade e diáspora africana. Na abertura, “Traditional Future”, solo do coreógrafo queniano Fernando Anuanga (foto), nesta sexta e sábado (7 e 8), às 18h, no CCBB.

Ronan Li/Divulgação



Carol Brandão/Divulgação



Leminskiando

A Casa Museu Eva Klabin recebe neste domingo (9), às 16h, o espetáculo “Era Uma Vez, Leminski”, com Carol Futuro e Viviane Netto. A montagem apresenta a vida e obra do poeta, letrista e tradutor Paulo Leminski ao público infantil por meio de teatro, música, bonecos e contação de histórias. Com músicas originais de Leonardo Miranda, o espetáculo integra a série “Concertinhos de Eva”, projeto que aproxima crianças da música de concerto. A narrativa acompanha a jornada do menino Leminski e sua descoberta do universo das palavras.

Ricardo Martins/Divulgação



Memória e afeto

O Teatro Glauce Rocha recebe até o dia 28 o espetáculo “Laura”, que completa dez anos desde a estreia. O solo biográfico, criado e interpretado por Fabrício Moser, reconstrói a história de sua avó materna, assassinada em 1982 em Cruz Alta (RS). A montagem utiliza fotografias, vídeos, documentos e objetos pessoais para compor uma narrativa que articula teatro, performance e artes visuais, transformando uma história pessoal de dor e silêncio em um ato poético de memória e afeto. Rodas de conversa com o público acontecem às quintas-feiras após as sessões.